

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO – FAALC**

ARTES VISUAIS – BACHARELADO

Lyndha Fernandes Franco

OS SIGNOS DO ZODÍACO NA CERÂMICA DE LYNDHA FERNANDES

Campo Grande/MS

2024

Lyndha Fernandes Franco

OS SIGNOS DO ZODÍACO NA CERÂMICA DE LYNDHA FERNANDES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Artes Visuais Bacharelado da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como parte dos requisitos para a obtenção de título em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Alice Porto Rossi

Campo Grande/MS

2024

Lyndha Fernandes Franco

OS SIGNOS DO ZODÍACO NA CERÂMICA DE LYNDHA FERNANDES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Artes Visuais Bacharelado da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como parte dos requisitos para a obtenção de título em Artes Visuais.

Campo Grande, 04 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Maria Alice Porto Rossi
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof.^a Dr.^a Constança Maria Lima de Almeida Lucas
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Joaquim Sérgio Borgato
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão, que sempre me incentivaram e desempenharam um papel fundamental nesta etapa tão desafiadora, apoiando-me incondicionalmente e garantindo que eu nunca desistisse.

Às minhas colegas Rafaella Lazzari e Luiza Victória, cuja parceria foi essencial ao longo do percurso acadêmico. Vocês foram fundamentais para que eu pudesse expor ideias, desenvolver projetos e compartilhar momentos de companheirismo e aprendizado.

Aos meus amigos próximos, que estiveram ao meu lado durante toda esta jornada, incentivando-me e oferecendo segurança para que eu acreditasse em minha capacidade de concluir este trabalho.

À minha excelentíssima professora e orientadora Maria Alice, que, desde o início, confiou em minha capacidade e incentivou até a finalização. Sua dedicação e apoio foram indispensáveis para o desenvolvimento deste trabalho. Sou profundamente grata por todo o aprendizado e pela evolução que tive sob sua orientação, experiências que levarei comigo para a vida.

Aos professores da banca avaliadora, minha gratidão especial. À professora Constança Lucas, por sua valiosa contribuição ao projeto, compartilhando conhecimentos e ideias que enriqueceram este trabalho. E ao professor Joaquim Borgato, cuja excelência na fotografia e dedicação ao ensino foram inspiradoras durante meu percurso acadêmico, tornando-se uma peça fundamental para o meu desenvolvimento.

A todos que direta ou indiretamente participaram desta caminhada, meu muito obrigada. Por fim, agradeço à Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e, em especial, aos docentes do curso de Artes Visuais, que contribuíram de forma significativa para a minha formação, transmitindo conhecimentos e valores que levarei comigo para além da vida acadêmica.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em artes visuais - bacharelado tem como objetivo principal a produção de cerâmica baseada na experiência e visão pessoal de cada representação dos signos do zodíaco: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. No total, são 12 signos que foram representados através da cerâmica. Cada signo traz consigo uma série de características que podem ser exploradas artisticamente. Para toda a produção, foi utilizada a argila marfim chamotada. O processo de modelagem das peças envolveu a utilização de ferramentas, como goivas, estecas/estecos, guias, rolos de madeira e pincéis. A cerâmica, como expressão artística, não se limita à criação e produção de objetos utilitários, mas também à construção de significados, explorando esteticamente a subjetividade do artista. Ao longo deste trabalho, a cerâmica se apresenta não apenas como um material, mas como uma forma de comunicação visual. Trazendo os estudos técnicos e práticos do artista, escritor e professor Peter Cosentino juntamente como os estudos do escritor e ceramista Emmanuel Cooper que aborda a história da cerâmica e cerâmica contemporânea. Como resultado, o trabalho apresenta uma coleção de interpretações visuais dos signos do zodíaco, enfatizando a interseção entre a linguagem artística e os códigos simbólicos associados à astrologia. A série demonstra como conceitos abstratos podem ser transpostos para formas tridimensionais por meio da cerâmica, utilizando técnicas manuais e acabamentos que ressaltam os elementos visuais e texturais de cada signo. Essa abordagem contribui significativamente para a prática em Artes Visuais, oferecendo um exemplo técnico e conceitual de como transformar temas simbólicos em obras, ampliando o repertório de linguagens e processos criativos.

Palavras-chave: astrologia; signos; zodíaco; arte; cerâmica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tangas Marajoara	21
Figura 2 - Câncer por Salvador Dali	29
Figura 3 - The Twelve Signs of the Zodiac	30
Figura 4 – Os Doze Signos do Zodíaco, Frontispício, 59/250, 1967	32
Figura 5 – Borboleta Aquário.....	33
Figura 6 – Primeira peça de Áries, inacabada.....	36
Figura 7 - Mesa de Produção	37
Figura 8 - Esboço signo Áries	38
Figura 9 - Detalhes chifre Áries	39
Figura 10 - Obra Áries em ponto de osso.....	40
Figura 11 - Obra Áries no processo de secagem	41
Figura 12 - Obra Áries após esmaltação e queima.	43
Figura 13 - detalhe signo de Touro	44
Figura 14 - Obra Touro em ponto de osso	45
Figura 15 - Obra Touro após esmaltação e queima	46
Figura 16 - Obra Gêmeos em ponto de couro.....	47
Figura 17 - Obra Gêmeos após esmaltação e queima.....	47
Figura 18 - Obra Câncer em ponto de osso	48
Figura 19 - Obra Leão em ponto de couro	49
Figura 20 - Obra Leão após esmaltação e queima	50
Figura 21 - Produção detalhes obra Virgem.....	51
Figura 22 - Obra Virgem em ponto de couro	51
Figura 23 - Obra Virgem após esmaltação e queima	52
Figura 24 - Obra Libra em ponto de couro	52
Figura 25 - Obra Libra após esmaltação e queima	53
Figura 26 - Detalhes do Escorpião	54
Figura 27- Obra Escorpião em ponto de osso.....	54
Figura 28 - Obra Sagitário em ponto de couro	55
Figura 29 - Obra Sagitário em ponto do osso.....	56
Figura 30 - Obra Capricórnio em ponto de osso	57
Figura 31 - Obra Capricórnio após esmaltação e queima	58

Figura 32 -Obra Aquário em ponto de couro	58
Figura 33 - Obra Aquário em biscoito.....	59
Figura 34 - Obra Peixes em ponto de osso	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1- ASTROLOGIA	13
1.1 Os Signos e Seus Quatro Elementos	16
2- CERÂMICA ARTÍSTICA.....	20
3- OS SIGNOS DO ZODÍACO: REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS	28
4 - A JORNADA CRIATIVA E A FINALIZAÇÃO DA SÉRIE	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

INTRODUÇÃO

A arte sempre foi uma parte fundamental da minha vida. Cresci em um ambiente onde a apreciação pela criatividade e expressão artística eram uma constante. Minha mãe, com seu amor pelas artes plásticas, especialmente a pintura a óleo, criou um espaço em que a arte foi sempre valorizada.

Foi na adolescência que meu gosto pela arte começou a se aprofundar. Inicialmente, a arte parecia um mero deleite visual, algo existente para a apreciação humana. Com o tempo, essa percepção evoluiu, abrangendo todos os âmbitos artísticos. Desde a grandiosidade das arquiteturas até a delicadeza das formas naturais, cada elemento único se revelou parte de um vasto e harmonioso todo, como se a própria natureza fosse uma artista, esculpindo e pintando com maestria inigualável.

Meu envolvimento com a arte foi além da observação, desenvolvi um desejo de capturar e registrar cada detalhe visual que me fascinava. A fotografia surgiu como uma extensão natural dessa paixão, permitindo-me explorar e preservar a beleza nas diversas formas de expressão artística. No entanto, minha jornada artística após a fotografia foi marcada por uma descoberta importante, a cerâmica.

Durante minha graduação em artes visuais, tive o primeiro contato com a cerâmica artística. O processo de criação cerâmica, desde a modelagem da argila até a finalização das peças, despertou em mim um novo encantamento. A argila, com sua natureza tátil e a transformação do material, ofereceu-me uma nova maneira de expressar minha criatividade. Quando a pandemia me proporcionou a oportunidade de me dedicar mais intensamente à cerâmica, comecei a produzir peças para uso pessoal, inicialmente para passar o tempo. Esse período de experimentação não só solidificou meu apreço pela cerâmica, mas também revelou seu potencial como meio de expressão profundamente pessoal.

Paralelamente, outro aspecto da minha vida que sempre me fascinou foi a astrologia. Desde a infância, vivo em um ambiente onde os signos do zodíaco e a numerologia são temas recorrentes, em grande parte devido à influência de meus pais. O interesse pela astrologia evoluiu naturalmente ao longo dos anos pois sempre mantive pesquisas e estudos atualizados relacionados a esse tema, tornando-se uma parte da rotina.

A conexão entre minha paixão pela cerâmica e meu interesse pelos signos do zodíaco surgiu de forma orgânica. Ao refletir sobre como unir esses dois aspectos significativos da minha vida, percebi que a cerâmica poderia servir como um meio ideal para representar os signos. Cada signo astrológico possui um conjunto particular de características que refletem uma essência única. No entanto, essas informações são fluidas e, ao longo dos séculos, ganham novos significados e interpretações conforme os contextos históricos e culturais evoluem. A astrologia, diferentemente de uma ciência exata, se adapta, adicionando ou revisando símbolos e traços de acordo com as mudanças na percepção coletiva e as influências culturais de cada época.

Cada elemento astrológico ar, terra, fogo e água encontra uma correspondência direta na cerâmica. O elemento terra é representado pela argila, que é moldada e transformada durante o processo cerâmico. O fogo é representado pelo processo de queima, no qual a cerâmica ganha resistência e durabilidade, refletindo a energia e a transformação. A água é essencial durante todo o processo, como a criação da argila na natureza e o alisamento da argila, trazendo fluidez e flexibilidade. O ar, por sua vez, pode ser associado à atmosfera e ao espaço que envolve a peça durante o processo de secagem e resfriamento.

Além dos aspectos materiais, o processo cerâmico também permite uma transmissão pessoal de energia para o barro. Durante a modelagem, a interação direta com a argila possibilita a infusão de intenções e emoções. Cada toque e movimento imprimem uma marca pessoal na peça. Assim, cada peça se torna uma expressão íntima, contendo traços da energia e singularidade de quem a criou.

A cerâmica vai além de ser um meio de expressão artística resistente e duradouro, ela se transforma em um espaço onde as intenções e energias pessoais se entrelaçam. Essa fusão permite a criação de peças que encapsulam a essência e as qualidades dos signos do zodíaco. Cada obra cerâmica se torna uma representação tátil e visual das características e energias associadas a cada signo, proporcionando-me a oportunidade de explorar e manifestar essas qualidades de maneira concreta e expressiva.

1- ASTROLOGIA

A astrologia é um campo vasto e multifacetado que estuda as possíveis relações entre os corpos celestes e a vida na Terra. Ao longo dos milênios, desenvolveu-se em diversas vertentes e abordagens, cada uma oferecendo uma perspectiva única sobre a influência dos astros. Em vez de fornecer uma definição exata e uniforme do que é a astrologia, é fundamental destacar suas várias interpretações e evoluções. Originária da Mesopotâmia, onde estava fortemente ligada à astronomia, a astrologia foi se expandindo e diversificando ao longo do tempo, ganhando popularidade e se desdobrando em diferentes práticas e crenças

Os seres humanos procuram as estrelas em busca de orientação há milhares de anos. Os mapas de constelações existiam muito antes dos mapas do mundo. Durante séculos, as primeiras civilizações viveram no ritmo dos ciclos da natureza, eles caçavam, colhiam e migravam de acordo com a movimentação das estrelas.

Cláudio Ptolomeu, astrólogo e astrônomo de Alexandria, no Egito, estabeleceu a base da astrologia ocidental em seu texto "*Tetrabiblos*", enfatizando o aspecto individual da interpretação astrológica. Foi aí que se originou o conceito de horóscopos pessoais, ou a ideia de que as pessoas podem ler e interpretar as estrelas para aprender sobre suas próprias vidas. (Caruso, 2024)

Historicamente, a astrologia começou como uma prática voltada principalmente para a interpretação de eventos que afetavam coletivamente as nações e os governantes. Em centros de tradição astrológica, como China, Índia, Mesopotâmia, Egito, Oriente Médio e Europa, os astrólogos desempenhavam um papel fundamental na orientação dos líderes e na previsão de eventos que influenciavam os destinos dos povos e dos impérios.

No entanto, com o tempo, Segundo Caruso (2024), durante o Renascimento, houve um renascimento do interesse pela astrologia, tanto no campo pessoal quanto filosófico. Nesse período, marcado pelo confronto entre crenças cristãs e ciências naturais, a astrologia particular ganhou força. Essa popularização resultou na criação de mapas e calendários astrológicos, facilitando o acesso à prática ao superar barreiras linguísticas e educacionais na interpretação de horóscopos que buscava personalizar a astrologia, dirigindo-a para a compreensão do destino e das características pessoais dos indivíduos. Esse avanço marcou a transição da astrologia de um campo predominantemente coletivo para uma prática mais íntima e individual.

Esse novo enfoque permitiu que as previsões astrológicas fossem adaptadas às vidas pessoais, oferecendo insights sobre características individuais, tendências e desafios específicos para cada pessoa.

Essa mudança não só democratizou a astrologia, tornando-a acessível para um público mais amplo, mas também aprofundou a prática, permitindo uma exploração mais detalhada e pessoal dos impactos astrológicos. O reconhecimento da influência dos astros sobre a vida individual proporcionou uma nova perspectiva, que continua a ser uma parte fundamental da astrologia moderna.

Hoje, continuamos a olhar para o céu em busca de respostas para quem somos e o que viemos fazer neste planeta. A astrologia nos serve como ferramenta de autoconhecimento, que nos direciona para vivermos a nossa melhor versão, superando os desafios e brilhando em nossa potência.

Segundo Arroyo (2013, p. 45), a mitologia destaca as manifestações culturais dos arquétipos em diversos aspectos, enquanto a astrologia utiliza os princípios arquetípicos essenciais como sua linguagem para entender as forças e configurações fundamentais tanto na vida individual quanto cultural.

Pode-se observar que, nos principais centros de tradição astrológica, como China, Índia, Mesopotâmia, Egito, Oriente Médio e Europa, desenvolveu-se um arquétipo distinto para a astrologia em cada cultura. Hoje em dia, é possível reconhecer e utilizar todos esses arquétipos, pois cada um oferece uma perspectiva válida e enriquecedora sobre a astrologia, baseada em suas respectivas mitologias e sistemas de crenças. Essa diversidade de arquétipos demonstra a riqueza e a complexidade da astrologia como uma prática cultural e histórica, evidenciando que as diferentes tradições astrológicas, apesar de suas variações, compartilham uma profundidade comum quando se trata das influências cósmicas. Portanto, a inclusão de todos esses arquétipos na compreensão e prática astrológica contemporânea amplia nossa percepção e oferece uma visão mais abrangente das influências astrais e suas manifestações em diferentes culturas e épocas.

O termo astrologia vem da Grécia e se divide em “astron”, que significa astros, estrelas, corpos celestes e “logia”, que significa análise ou estudo. O dicionário Aurélio define astrologia como "uma doutrina ou prática que busca supor ou decifrar a influência dos astros na vida, no comportamento das pessoas e nos acontecimentos pelos quais elas passam, buscando, ainda, prever o futuro". “Desde a Antiguidade, as

peças desenvolveram conceitos sobre o universo em que viviam. Ordem cósmica foi o modelo para a organização dessas sociedades, que estabeleceram seus calendários com base nos ciclos solares e lunares". (Morin, 2008, p. 09).

A primeira fase da astrologia envolve a identificação das estações do ano e os períodos de plantio e colheita. Nesse ponto, são utilizados vários símbolos para representar cada fase. Há milênios, as sociedades em todo o mundo têm usado a astrologia em suas formas mais variadas. Desde os mais remotos grupos humanos conhecidos até a civilização moderna, bem como todas as culturas orientais e ocidentais, o homem sempre buscou a compreensão do mundo em seu dia-a-dia. Para isso, o homem criou relógios, calendários e sistemas astrológicos baseados nos ciclos naturais.

A tradição grega estabeleceu as categorias "físicas" fundamentais da astrologia, que incluem água, ar, fogo e terra, mas desempenham um papel organizador do mundo, semelhante ao da magia, hermética e alquimia. De resto, a astrologia tem muitos símbolos associados a essas áreas culturais, incluindo a caracterização de alguns agentes fundamentais (os planetas) e suas funções, bem como uma rede de ligações analógicas que vão de um planeta a um signo, cor, profissão, metal e até mesmo invadir e organizar todo o mundo conhecido.

A astrologia é baseada na observação de eventos astronômicos e sua correspondência com eventos terrestres. Portanto, o astrólogo é responsável por essa interpretação, que é um objetivo específico, uma representação matemática do universo do momento em que a pessoa nasceu, conhecido como mapa astral. O astrólogo desenvolve a cosmologia individual do consultante a partir deste "marco zero", o momento da origem, o nascimento. (Castro, 2012, p. 06).

A astrologia, conforme Castro (2012, p. 01), possui um alfabeto único composto por uma variedade de símbolos que representam planetas, signos e outros pontos. Apenas aqueles que estão familiarizados com os símbolos e sinais da linguagem astrológica podem interpretá-la. Como resultado da contribuição das culturas da Babilônia, Egito e Grécia unificadas em Roma, as imagens do zodíaco que conhecemos hoje derivam dos ciclos das estações do ano. As constelações do zodíaco também receberam nomes de seus signos. Com o tempo, a astrologia foi incorporada ao contexto religioso de uma civilização para a previsão de destinos individuais.

As constelações não possuem uma forma intrínseca que corresponda às imagens que lhes atribuímos, essas imagens são o resultado de uma interpretação humana e de uma associação simbólica. Por exemplo, a constelação libra é composta por estrelas que, embora estejam dispostas de forma aproximada, são interpretadas como uma balança devido à simetria percebida e à associação simbólica que a sociedade atribui a essas estrelas.

De acordo com Arroyo (2013, p. 45-46), há uma correlação significativa entre os mitos de uma cultura e o tipo de astrologia que ela desenvolve, destacando que a astrologia pode ser considerada como a estrutura mitológica mais compreensível que surgiu na cultura humana.

Conforme Aurigemma, (apud Volli, 1990, p. 39), os signos do zodíaco, incluindo Escorpião, já estavam estabelecidos em sua disposição atual desde a época de Alexandre Magno e permaneceram inalterados desde então, tanto em nome quanto em forma.

A relação desse conceito com os signos astrológicos está no fato de que cada signo é associado a uma constelação específica, e essa associação é igualmente uma construção simbólica e cultural. A imagem e o nome de cada constelação fornecem uma identidade e um conjunto de características que são então aplicadas às pessoas nascidas sob esses signos. Essa associação não é uma verdade objetiva sobre o cosmos, mas sim uma forma de interpretar e entender as influências e características dos astros.

1.1 Os Signos e Seus Quatro Elementos

O conceito dos quatro elementos é usado na astrologia desde a antiguidade até hoje para classificar e dividir os signos. Cada um dos componentes combina características que pertencem a um grupo específico de signos.

A maioria dos estudiosos acredita que a astrologia ocidental, ou clássica, como é conhecida e praticada hoje através dos seus doze signos, começou na Mesopotâmia com um sistema que combinava os ciclos solares e lunares com os demais astros. Esse método dividiu o céu em doze faixas e as pessoas escreveram quantas vezes repetiram cada uma. A Grécia Antiga, o Egito e o Império Romano aprenderam sobre essa região.

A compreensão da origem do zodíaco moderno depende dessa questão astronômica básica. No século V a.C., a eclíptica, ou a faixa onde o Sol se move ao longo do ano, foi dividida em doze segmentos de igual tamanho. Cada um desses segmentos foi dividido em 30 graus, tornando a eclíptica uma extensão total de 360 graus. (Stuckrad, 2007, p. 69).

O zodíaco, que vem do termo grego "círculo de animais", era uma área imaginária do céu que marcava a trajetória do Sol. Cada constelação que cruzou o astro ao longo dessa rota representa um signo diferente: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

Conforme explica Santin (2015), a astrologia está nos elementos da natureza sempre presentes no imaginário e no inconsciente coletivo. Para ele, o homem realiza a conexão dos elementos terrestres com estas percepções sensoriais e afirma a necessidade social de criar significados de acordo com estas sensações nos lugares e espaços elementais. No texto relaciona os quatro elementos astrológicos: fogo, terra, ar e água comparando com as percepções sensoriais, criando uma interface entre as descrições dos tipos de espaços, esta interface entre os elementos astrológicos e as percepções se dá da seguinte forma:

O indivíduo percebe um espaço ou lugar através dos sentidos do corpo, incluindo tato, olfato, paladar, audição, visão e tato. Essa percepção é baseada no elemento terra. Quando alguém experimenta um espaço ou lugar de forma emocional ou sentimental, ele o percebe de acordo com o elemento água. Por outro lado, quando alguém experimenta um espaço ou lugar de forma mental, ele o percebe de acordo com o elemento ar, com base em suas opiniões ou interpretações sobre o ambiente. E quando alguém vivencia um local ou local de forma espiritual, por causa das conexões divinas ou sagradas que o local oferece, ele o percebe de acordo com o elemento fogo. (Santin, 2015, p. 14).

É perceptível notar a semelhança entre os significados astrológicos dos elementos terra, água, ar e fogo, bem como suas características. O autor descreve que a presença destes elementos no espaço natural e cultural é essencial para a manutenção da vida e para a assimilação das experiências e percepções humanas. Confirma que a astrologia é uma área de conhecimento que pode ser combinada com os estudos geográficos sobre a subjetividade e a relação do homem com a simbologia. Isso cria uma interface entre o mundo geográfico e simbólico da astrologia. De acordo com Peter Marshall (2007 p. 266), a doutrina dos quatro elementos, que é central tanto na medicina antiga e medieval quanto na astrologia moderna, foi popularizada pelo

filósofo pitagórico Empédocles desempenhou um papel crucial na disseminação dessa teoria, a qual continua a influenciar a astrologia contemporânea.

Esse conceito fundamental destaca a ideia de que tudo no universo é composto por uma combinação dos quatro elementos primordiais: terra, água, ar e fogo, cada um associado a características e influências específicas. O Elemento Fogo foi associado aos signos de Áries, Leão e Sagitário. O Elemento Terra por Touro, Virgem e Capricórnio. O Elemento Ar Gêmeos, Libra e Aquário. O Elemento Água Câncer, Escorpião e Peixes.

Para Peter Marshall (2006, p.154), na astrologia, os signos do zodíaco são classificados em diferentes categorias, cada uma refletindo características específicas. Os signos cardinais, fixos e os mutáveis. Marshall (2006) também fala sobre os elementos, os signos de fogo (Áries, Leão e Sagitário) são dinâmicos e determinados. Os signos de terra (Touro, Virgem e Capricórnio) são práticos e confiáveis. Os signos de ar (Gêmeos, Libra e Aquário) são comunicativos e criativos. Por fim, os signos de água (Câncer, Escorpião e Peixes) são intuitivos e solícitos. Com essas classificações, é possível delinear um panorama abrangente das características e inclinações associadas a cada signo, conforme analisado por Marshall (2006).

Esses são os vínculos comuns entre os elementos e os signos do zodíaco. Essas compatibilidades são apenas uma tendência e que as conexões podem funcionar bem independentemente dos elementos dos signos. Ao avaliar se uma relação é compatível, é sempre importante pensar nas personalidades, valores e interesses de cada pessoa.

Segundo Arroyo (2013, p. 114) Os quatro elementos são forças vitais que se manifestam em toda a criação e podem ser percebidas pelo sentido físico. Eles não são símbolos ou conceitos abstratos. Compõem a base da astrologia e de todas as ciências ocultas, e incluem também tudo o que vemos e sentimos. Como a terra é sólida, a água é líquida, o ar é gasoso e o fogo é plasma ou energia irradiada, tudo o que nos cerca é composto por uma mistura desses elementos.

Como defende Peter Marshall (2006), não existe uma única astrologia, mas várias — chinesa, indiana e do Oriente Médio, assim como a ocidental. Cada uma dessas tradições oferece uma visão única do cosmos e da nossa relação com ele. Marshall conclui que:

Embora não possa ser provado que os antigos egípcios tenham desenvolvido todos os signos do zodíaco, seus astrólogos certamente viram padrões

similares no céu. Utilizando as constelações de estrelas como marcadores para traçar o movimento da Lua em seu ciclo mensal, eles provavelmente definiram a forma do Leão, viram as duas crianças em Gêmeos e deram atenção ao carneiro de Áries. O zodíaco final como o conhecemos é, portanto, produto de uma confluência de ideias". (Marshall, 2006. p.485)

2-CERÂMICA ARTÍSTICA

A cerâmica é uma das formas de arte mais antigas da humanidade, com raízes que remontam a dezenas de milhares de anos. De acordo com Cooper (1999), a utilização do barro para produzir cerâmica provavelmente teve início por volta de 6500 a.C., na região da Anatólia. No entanto, evidências ainda mais antigas foram encontradas, como peças datadas de aproximadamente 28.000 a.C., entre elas figuras representando animais. Contudo, os pesquisadores continuam a descobrir novas evidências arqueológicas que podem retroceder essas datas, sugerindo que a cerâmica pode ter surgido de forma independente em diferentes regiões do mundo, com propósitos semelhantes.

No período neolítico as comunidades humanas desenvolveram técnicas de modelagem de argila para criar recipientes utilitários, utilizados principalmente para o armazenamento de alimentos e líquidos.

Além de suas funções utilitárias, as primeiras cerâmicas eram frequentemente decoradas com padrões inspirados em elementos naturais, como animais, folhas, galhos e outras formas orgânicas presentes no cotidiano dessas comunidades. Essas decorações indicam que, além do uso prático, havia também uma preocupação estética e simbólica nas peças produzidas.

Portanto, ainda que não seja possível determinar com precisão a origem exata da cerâmica, há um consenso de que sua invenção ocorreu em diversas culturas ao redor do mundo, cada uma desenvolvendo suas próprias técnicas e estilos. Isso demonstra como a cerâmica foi uma forma de expressão artística e utilitária que refletiu a diversidade cultural das civilizações antigas.

De acordo com Cooper (1999), a história da cerâmica é marcada por saltos em tempos e lugares, mas há algo que conecta diferentes técnicas e estilos em todo o mundo. Essas descobertas indicam que os seres humanos primitivos já experimentaram moldar a argila e utilizá-la para fins utilitários, artísticos e ritualísticos.

O homem e a cerâmica caminham lado a lado, como um eco do tempo que molda com suas mãos os fragmentos de uma história silenciosa, marcada pela terra e pelo fogo. Cada peça, cada rastro, é testemunha de vidas, de rituais e descobertas, são os vestígios que o homem deixa ao criar, como se, ao endurecer o barro, ele selasse parte de sua própria essência na argila. A cerâmica torna-se, assim, um diário mudo, mas vibrante, das paixões e das esperanças humanas, de suas crenças, das

mãos calejadas e dos sonhos de eternidade. É o registro do espírito de cada época, que se transforma e perdura, a resistência do barro frente à passagem do tempo.

No contexto brasileiro, a cerâmica tem uma história rica e diversificada. Antes da chegada dos europeus, os povos indígenas já dominavam técnicas avançadas de modelagem e queima da argila. A arte marajoara, desenvolvida pelos povos indígenas da Ilha de Marajó, no Pará, surgiu entre 400 e 1350 d.C. Durante esse período, a cerâmica marajoara se destacou pela complexidade e sofisticação de seu estilo estético e pela diversidade de formas, incluindo urnas funerárias, vasilhas e estatuetas. A produção cerâmica dessa tradição era caracterizada por técnicas como a modelagem, incisão, e a aplicação de desenhos geométricos, labirínticos, figuras antropomorfas, figuras zoomorfas, figuras fitomorfas e grafismos com cores predominantes como vermelho, branco e preto. Além da funcionalidade, essas peças também tinham um caráter simbólico e ritualístico, refletindo a riqueza cultural dos povos marajoaras (Itaú Cultural, 2024; Schaan, 1999)

O artigo *A Cerâmica Pré-Histórica no Brasil: Avaliação e Proposta* (1991), faz uma análise das diferentes fases da cerâmica pré-histórica brasileira, destacando as distintas tradições cerâmicas em várias regiões do Brasil. O estudo aponta que, além da cerâmica marajoara, outras tradições importantes se desenvolveram em regiões como Maracá, Santarém, Mirancanguera, Cunani e outras.

Figura 1 – Tangas Marajoara



Fonte: MUSEU NACIONAL/UFRJ. Cerâmica Marajoara¹.

Cada uma dessas regiões desenvolveu suas próprias técnicas, estilos e formas de cerâmica, adaptadas às necessidades e aos recursos locais. Por exemplo, a cerâmica de Maracá, Santarém e Cunani, assim como a marajoara, têm características estéticas distintas, com desenhos, formas e decorações que refletem as crenças, a cultura e a interação com o ambiente desses povos. As peças variavam de utensílios utilitários a objetos cerimoniais, evidenciando a importância da cerâmica no cotidiano, nos rituais e na expressão cultural dessas comunidades. As cerâmicas marajoaras, como ilustrado na Figura 1, apresentam padrões geométricos estilizados e eram usadas como objetos de uso cotidiano e simbólico pelos povos da Ilha de Marajó (Museu nacional/UFRJ, 2024). Portanto, assim como a arte marajoara é uma das mais conhecidas e estudadas, essas outras tradições cerâmicas desempenham papéis igualmente significativos na história da cerâmica pré-histórica do Brasil, refletindo a diversidade cultural e as diferentes práticas de cada povo que habitou essas regiões.

O processo de produção da cerâmica não envolvia uma preparação da argila, que possuía algumas adições de materiais orgânicos e minerais para garantir a plasticidade e a resistência. Antigamente, retiravam a argila das margens dos rios, onde ela era amolecida e misturada com vegetais, para conferir maior resistência e maleabilidade. A mistura era modelada manualmente, com as formas sendo esculpidas diretamente nas peças.

No entanto, o processo de preparação da argila evoluiu com o tempo. Hoje a argila é retirada de depósitos mais controlados, e a técnica de preparação é mais padronizada, para refinar e amolecer a massa cerâmica, enquanto a mistura com aditivos naturais e minerais continua a ser utilizada para melhorar a qualidade da cerâmica (Oliveira, 2022).

Assim, a argila, um silicato de alumínio hidratado composto principalmente por sílica e alumina (Oliveira, 2022), permanece o material fundamental para a produção cerâmica, com mudanças no método de preparo que vão desde as práticas manuais dos povos indígenas até os processos contemporâneos que utilizam equipamentos e técnicas aprimoradas como o uso de tecnologias como o torno.

¹ Disponível em: <https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/argbra008.html>.

O processo de produção cerâmica é composto por etapas essenciais que requerem atenção e precisão, antes de iniciar o trabalho com a argila, é indispensável realizar sua preparação. Esse processo envolve amassar a massa cerâmica para eliminar possíveis bolhas de ar, equilibrar os níveis de umidade e ajustar a plasticidade, garantindo sua uniformidade. Essas etapas são essenciais para evitar problemas estruturais na peça durante a modelagem e os processos de secagem e queima (Cosentino, 1997).

Após a preparação da argila, o artista deve decidir quais técnicas utilizar em sua obra, levando em conta as referências visuais e o tipo de acabamento desejado. Ele pode optar por técnicas como modelagem com placas, uso do torno ou ainda misturas de diferentes tipos de argilas, dependendo do efeito desejado. Além disso, o uso de pigmentos e aditivos para colorir a argila também é uma escolha importante. Pigmentos como ferro, cobalto, manganês, cromo, níquel, vanádio e rutilo são comumente utilizados para obter uma ampla gama de cores na cerâmica, uma vez que esses óxidos metálicos são os responsáveis pela maior parte das tonalidades obtidas durante o processo de queima (Cosentino, 1997). A escolha desses elementos pode influenciar tanto a estética quanto a funcionalidade das peças, permitindo ao artista explorar variações no acabamento e na durabilidade das obras.

Outra técnica amplamente utilizada na produção cerâmica é a incorporação do chamote à massa de argila. O chamote é um material granular produzido a partir de argila previamente queimada, que perdeu toda a água e matéria orgânica, sendo depois moído e adicionado à argila úmida. Segundo Oliveira (2022), o chamote melhora a resistência mecânica da argila durante o processo de modelagem e queima, além de reduzir a retração e minimizar o risco de deformações. Dependendo da quantidade de chamote incorporada variando de 0% a 15%, a massa cerâmica adquire diferentes características, como resistência ao calor e menor risco de rachaduras (Oliveira, 2022).

Há também a utilização de engobes, compostos por argila líquida misturada com óxidos, amplamente utilizados na decoração de cerâmica para cobrir parcial ou totalmente a superfície antes da primeira queima, conhecida como queima de biscoito. Segundo Cosentino (1997), esses engobes são clássicos na aplicação de cores ou texturas decorativas na cerâmica, possibilitando diversas formas de acabamento.

Os engobes podem ser aplicados em peças de cerâmica tanto quando ainda estão úmidas quanto no estágio denominado ponto de couro. Este estágio ocorre quando a argila já perdeu parte da água, tornando-se firme, mas ainda flexível o suficiente para ser trabalhada. Nesse momento, a peça não é mais moldável como quando está completamente úmida, mas ainda mantém um nível de umidade que permite a aplicação de engobes sem que a argila perca a aderência ou sofra deformações. O ponto de couro é ideal para decorar ou alterar a cor da superfície da peça, permitindo ao ceramista realizar técnicas adicionais, como incisões ou gravações, para obter diferentes efeitos visuais e texturais.

Durante a fase de secagem da cerâmica, é essencial que o processo seja controlado para evitar problemas como rachaduras ou deformações. Cosentino (1997) destaca que a secagem deve ser lenta e uniforme, o que pode levar de dias a semanas, dependendo do tamanho e espessura da peça. Isso ocorre porque a evaporação da água presente na argila resulta em uma retração de até 10% em seu tamanho original. A secagem acontece de fora para dentro, o que exige atenção para garantir que a água seja evaporada de maneira homogênea, evitando que o exterior seque mais rápido do que o interior da peça.

Para garantir uma secagem uniforme, os artistas, ceramistas e artesãos costumam usar materiais como placas de gesso ou madeira, que ajudam a absorver a umidade da peça. Além disso, áreas menores, que podem secar mais rápido, são frequentemente cobertas com plástico para retardar o processo nessas partes e equilibrar a taxa de evaporação em toda a peça. Fatores como a espessura da argila e as condições climáticas também influenciam diretamente esse processo.

A argila é um material versátil que permite pausas no processo criativo. Projetos podem ser armazenados para continuidade nos dias seguintes, desde que sejam tomados os devidos cuidados para evitar o ressecamento excessivo. Cobrir a peça com um pano úmido e envolvê-la em plástico cria um ambiente de alta umidade que retarda a evaporação da água, mantendo a plasticidade da argila. Esse método é especialmente útil em projetos que exigem várias sessões de trabalho ou ajustes detalhados.

Em seguida, inicia-se o processo de queima, fundamental para transformar a argila crua em cerâmica. O processo de queima da argila apresenta diversas técnicas, todas ainda utilizadas atualmente, dependendo das necessidades do artista e do

contexto cultural. Povos indígenas, por exemplo, continuam empregando métodos tradicionais, como a queima em fogueiras, onde as peças são protegidas por camadas de material combustível, como madeira ou carvão. Esse método, além de acessível, gera padrões únicos devido à interação direta entre o fogo e a argila.

Já os fornos a gás oferecem mais controle sobre o ambiente de queima, permitindo regular a quantidade de oxigênio, o que influencia diretamente na aparência final das peças. Esses fornos são amplamente usados tanto em produções artísticas quanto em contextos mais industriais, por sua eficiência e flexibilidade.

Os fornos elétricos como o da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul) apresentam a opção mais moderna e automatizada. Eles possuem tecnologia que permite ajustar com precisão a temperatura e o tempo de queima, facilitando a obtenção de resultados consistentes. Apesar de modernos, não substituem as outras técnicas, mas se somam a elas como uma escolha prática para quem busca uniformidade e previsibilidade.

A primeira queima, conhecida como queima de biscoito, acontece quando a argila atinge o ponto de osso, o que significa que a massa já não está mais úmida nem fria. Nesse estágio, a argila se torna mais dura, rígida e adquire uma coloração mais clara (Oliveira, 2022). Durante essa queima, que ocorre entre 900°C e 1000°C, a água restante na argila é eliminada, e inicia-se o processo de sinterização, conforme Cosentino (1997) explica a sinterização faz com que as partículas de argila se fundam nos pontos de contato, conferindo à peça a rigidez necessária.

Na queima de biscoito, as peças começam a ser aquecidas de temperatura ambiente até aproximadamente 900°C. Esse processo ocorre ao longo de um período que pode variar entre 10 a 11 horas, permitindo que as peças endureçam e percam a umidade restante na argila. Uma vez alcançada a temperatura necessária, o forno é desligado, mas as peças precisam passar por um resfriamento lento, que pode levar cerca de 24 horas, a fim de evitar rachaduras ou deformações. Esse processo é essencial para garantir que as peças estejam suficientemente estáveis e duras para a próxima etapa de esmaltação.

Após a primeira queima, o esmalte é aplicado na peça, aproveitando a porosidade e a estrutura aerada que o biscoito possui. Esse processo envolve a aplicação de uma fina camada líquida de esmalte sobre a superfície da cerâmica na fase do biscoito. Como explica Cosentino (1997), o esmalte contém sílica,

fundamental para a produção do vidro. Esses componentes são a própria sílica, um veículo que reduz o ponto de fusão da sílica e, um estabilizador que mantém a integridade da mistura durante o processo de fusão.

A segunda queima, chamada de queima de vitrificação ou esmaltação, eleva a temperatura do forno para 1150°C e 1300°C, dependendo do tipo de argila e esmalte utilizados. Nesta fase, ocorre a vitrificação, processo em que o esmalte e parte da argila fundem-se para formar uma superfície vítrea, tornando a peça impermeável e aumentando sua resistência.

Termos técnicos como sinterização, retração e vitrificação são fundamentais para compreender as transformações físicas e químicas que ocorrem durante as queimas. A sinterização refere-se à fusão parcial das partículas de argila, enquanto a vitrificação é a formação de uma fase líquida que, ao resfriar, se torna vítrea. A retração é a diminuição das dimensões da peça devido à perda de água e rearranjo das partículas durante a secagem e queima.

O controle da curva de aquecimento e resfriamento no forno é crucial. Cosentino destaca que um aumento gradual da temperatura permite a liberação uniforme de gases e umidade, prevenindo fissuras e explosões. Da mesma forma, o resfriamento lento evita choques térmicos que podem causar trincas. O uso de cones pirométricos ou termopares ajuda a monitorar a temperatura interna do forno, garantindo que as condições ideais sejam mantidas durante todo o processo.

A produção de cerâmica envolve um conjunto de etapas técnicas e práticas que vão além da modelagem e queima. Entender como funciona o processo e a dinâmica de um ateliê é essencial, tanto para quem deseja seguir a carreira profissional quanto para quem planeja trabalhar com cerâmica como um hobby. No entanto, um dos principais desafios enfrentados por iniciantes é a necessidade de um forno para queimar as peças, o que pode tornar a prática menos acessível.

Apesar disso, existem alternativas viáveis para superar essa limitação. Pequenos artesãos ou iniciantes podem adquirir argila, engobes, esmaltes e ferramentas básicas e utilizar serviços de queima terceirizados. Muitos ateliês e universidades oferecem serviços de queima a custos acessíveis.

Uma iniciativa interessante para facilitar o acesso a esses serviços no Brasil é a lista organizada pela plataforma Vida Feita à Mão², que conecta ceramistas a mais de 300 ateliês cadastrados até 2024, espalhados pelo país. Esses ateliês disponibilizam queima de peças e, em alguns casos, aluguel de espaço e equipamentos, permitindo que artistas e artesãos tenham acesso a recursos essenciais sem a necessidade de investir imediatamente em um forno próprio. Essa rede de apoio tem sido um divisor de águas para pequenos produtores e entusiastas da cerâmica artesanal.

Para concluir, a cerâmica representa uma jornada milenar que une tradição e inovação, arte e técnica. Desde os primeiros experimentos com argila até as complexas práticas contemporâneas, ela reflete a evolução das sociedades e de suas culturas. Conforme Emmanuel Cooper ressalta, a história da cerâmica é um testemunho da criatividade humana e de sua capacidade de transformar materiais simples em obras de significado profundo. Peter Cosentino complementa ao enfatizar que o domínio dos processos de secagem e queima é essencial para a realização artística, pois permite que a visão do artesão ganhe forma e permanência. No Brasil, essa herança cerâmica se manifesta na rica diversidade de estilos e técnicas, resultado do encontro entre saberes indígenas, africanos e europeus. Assim, a cerâmica não é apenas uma arte do passado, mas uma expressão viva que continua a evoluir, incorporando novas tecnologias e perspectivas, mantendo-se como um elemento fundamental na cultura brasileira e mundial.

² VIDA FEITA À MÃO. Lista de fornos do Brasil. Disponível em: <https://escola.vidafeitaamao.com.br/lista-de-fornos-do-brasil/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

3- OS SIGNOS DO ZODÍACO: REFERÊNCIAS ARTÍSTICAS

Os signos do zodíaco desempenham um papel central na tentativa humana de compreender o cosmos e a própria existência. Essas doze figuras celestiais, cada uma com suas características e simbolismos. A astrologia ao longo dos séculos, influencia práticas esotéricas e também inspira uma vasta gama de expressões artísticas, das esculturas antigas às pinturas renascentistas, chegando até as vanguardas do século XX.

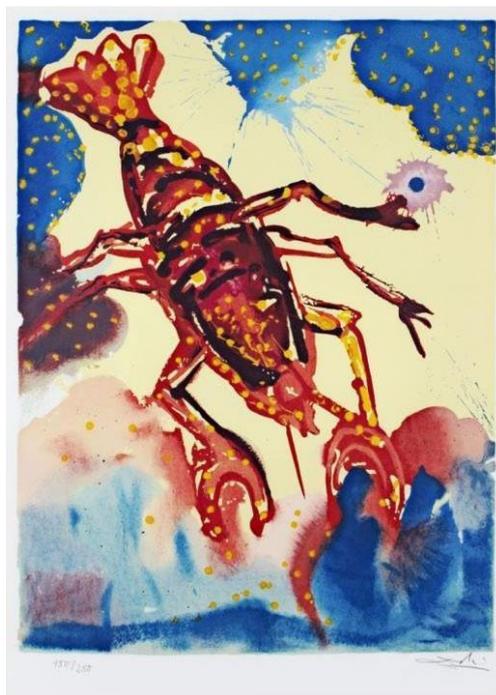
Neste capítulo, será explorada as referências estéticas dos signos do zodíaco e suas características principais, com um foco especial na interpretação artística contemporânea. E como artistas como Salvador Dalí reimaginam esses símbolos, trazendo novas dimensões e significados através de suas obras.

Dalí, em sua série de 250 litografias dos signos do zodíaco, exemplifica como a arte pode capturar a essência astrológica de maneira inovadora e expressiva. Seu trabalho, em colaboração com os textos filosóficos de Nicolas Sokoloff, serve como um modelo de como a arte e a astrologia podem se entrelaçar, criando uma linguagem visual rica e profunda.

Neste contexto, cada signo será apresentado com suas características astrológicas, com as influências e interpretações estéticas que moldaram sua representação ao longo da história. Esta abordagem permite uma compreensão mais abrangente e sensível dos signos, fornecendo uma base sólida para a criação das minhas próprias peças cerâmicas inspiradas pelo zodíaco.

Em 1967, o famoso artista surrealista Salvador Dalí ilustrou um portfólio retratando os doze signos do zodíaco: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Segundo a David Barnett Gallery, o timing de Dalí se alinhou com um boom na popularidade da astrologia no final dos anos 1960. Em suas ilustrações, Dalí utilizou cores vibrantes e linhas expressivas para dar vida a cada signo, imprimindo em cada imagem sua marca registrada de surrealismo. Esses trabalhos foram acompanhados por textos filosóficos e muitas vezes surrealistas de Nicolas Sokoloff, que usou estruturas incomuns para descrever as características de cada signo e suas influências.

Figura 2 - Câncer por Salvador Dali



Fonte: David Barnett Gallery, 2021 ³

No trabalho de Dalí, Câncer não é representado por um caranguejo, mas por uma lagosta vermelha escura, uma referência a uma de suas obras anteriores, o que destaca a importância da emoção para os cancerianos, muito mais do que a ação. "Desobediente, impulsivo, poeta e sonhador, o canceriano retém o dom da infância ao longo da vida." Sokoloff associa o signo de Câncer ao complexo de Édipo e frequentemente atribui qualidades infantis, tanto positivas quanto negativas, a esses indivíduos. Eles são espontâneos, líricos e muitas vezes passivos, mas também são profundamente devotos e protetores no amor, especialmente ligados a memórias afetivas e íntimas.

³Disponível em: <https://davidbarnettgallery.com/salvador-dalis-depictions-of-the-twelve-signs-of-the-zodiac>. Acesso em 25 de junho de 2024.

Figura 3 - The Twelve Signs of the Zodiac



Fonte: Bidsquare: Leading Online Auction Site 2021⁴

A obra de Salvador Dalí, embora se afaste da linha tradicionalmente associada ao artista, oferece uma reflexão relevante para a prática artística. Ao iniciar um projeto e buscar referências, a mente se abre para um universo quase infinito de ideias e técnicas. No campo da cerâmica artística e da arte em geral, a única limitação criativa conhecida é aquela que ainda não foi completamente explorada. Dalí, com sua maestria surrealista, tem a habilidade de capturar e materializar conceitos de forma extraordinária, desafiando os limites da criatividade. Sua capacidade de fundir ideias e deixá-las fluir como um lapso de memória serve como um convite para explorar e misturar conceitos de maneiras inovadoras e enriquecedoras.

⁴ Disponível em <https://www.bidsquare.com/online-auctions/showplace/salvador-dali-the-twelve-signs-of-the-zodiac-2051585>>. Acesso em 30 de junho de 2024

A cultura é uma força poderosa que molda a visão de mundo e as escolhas criativas dos artistas.

Nos processos de conscientização do indivíduo, a cultura influencia também a visão de vida de cada um. Orientando seus interesses e suas íntimas aspirações, suas necessidades de afirmação, propondo possíveis ou desejáveis formas de participação social, objetivos e ideais, a cultura orienta o ser sensível ao mesmo tempo que orienta o ser consciente. (Ostrower, 1993)

Essa influência cultural é notável na obra de Salvador Dalí, particularmente em sua série de ilustrações dos signos do zodíaco de 1967. Dalí, ao optar por representar o signo de Câncer com uma lagosta em vez do tradicional caranguejo, não apenas desafia as expectativas convencionais, mas também reflete uma profunda imersão nas ideias surrealistas que dominavam seu tempo. A lagosta, frequentemente presente em suas obras, simboliza o absurdo e o inconsciente, alinhando-se com a filosofia do surrealismo que busca explorar os recessos mais profundos da mente humana.

Essa escolha revela como Dalí utiliza elementos culturais para subverter e reimaginar símbolos tradicionais, criando uma obra que é ao mesmo tempo provocativa e profundamente enraizada em seu contexto cultural. A cultura, portanto, não apenas influencia a sensibilidade de Dalí, mas também direciona suas decisões conscientes podendo explorar novas fronteiras na arte e na interpretação astrológica.

Além das doze litografias criadas por Dalí, existe uma décima terceira que apresenta uma representação conjunta dos doze signos do zodíaco. Esta impressão, conhecida como frontispício, exhibe todos os signos dispostos em um design circular, oferecendo uma visão integradora do conjunto astrológico.

Figura 4 – Os Doze Signos do Zodíaco, Frontispício, 59/250, 1967



Fonte: Dubuque Museum of Art 2006

Portanto, a diversidade na representação do zodíaco aponta para uma crítica essencial: o zodíaco não é um conjunto homogêneo de símbolos universais, mas sim um fenômeno culturalmente específico que revela a complexidade das relações entre a astrologia e as diversas tradições espirituais e sociais ao longo da história.

Outra referência já no âmbito brasileiro é a artista plástica Milena Julliano, tem suas obras trabalhadas com método fluido, acrílico e tinta óleo e para ela a arte não há limites.

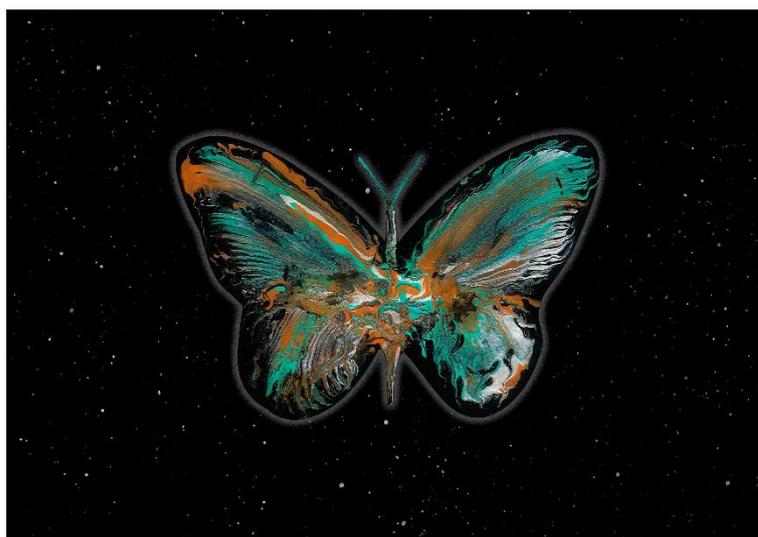
De acordo com a Revista Onne & Only (2023), Milena criou a "Coleção Zodíaco", uma série de doze borboletas, cada uma imbuída com a vibração única dos signos do zodíaco. Cada obra é um testemunho de anos de estudo e prática, traduzindo as energias e cores dos signos em formas delicadas e simbólicas. Esta coleção emerge da profunda jornada da artista através da astrologia e do autoconhecimento que esta disciplina proporciona. Como cita Milena "A Arte para mim, é a forma de manifestarmos o que há dentro de nós da maneira mais pura, trazendo nossas vivências, desejos e vontades. Acredito que a arte salva e que o seu poder é transformador".

Os sentimentos e percepções de Milena são transmutados em arte, oferecendo aos observadores uma oportunidade de integrar e refletir sobre os arquétipos

astrológicos que cada borboleta representa. Milena compartilha: "A astrologia desempenha um papel crucial na minha vida e na minha compreensão dos ciclos da natureza. Assim como o planeta Terra experimenta as estações do ano, também é influenciado pelos ciclos dos astros. Ao me sintonizar com esse movimento, tanto interno quanto externo, expandi significativamente meu autoconhecimento e minha consciência."

Seu processo criativo emerge da observação profunda da interação entre o ser humano e os elementos naturais, do planeta, do universo e da própria humanidade. A sensibilidade e a intuição de Milena infundem suas criações com vida, cor e energia, com o objetivo de despertar uma consciência do seu mundo interior, que, por sua vez, reflete e amplifica a percepção do mundo exterior.

Figura 5 – Borboleta Aquário



Fonte: Página de Milena Julianno⁵, 2023

Através desta obra, cada espectador é convidado a vivenciar uma experiência profundamente pessoal, uma vez que as cores e formas evocam sensações que frequentemente escapam ao nosso controle consciente. Em particular, quando se trata de arte abstrata, cada criação e coleção de um artista carrega uma multiplicidade de significados e emoções. As formas fluídas e as paletas de cores vibrantes capturam a essência do artista e desencadeiam uma gama de sentimentos individuais,

⁵Disponível em <<https://www.instagram.com/milenajulianno/?hl=pt/>>. Acesso em 02 de jul. de 2024.

permitindo que cada espectador projete suas próprias experiências e estados emocionais sobre a obra.

As associações nos levam para o mundo da fantasia (não necessariamente a ser identificado com devaneios ou com o fantástico). Geram nosso mundo de imaginação. Geram um mundo experimental, de um pensar e agir em hipóteses - do que seria possível, nem sempre provável. O que dá amplitude à imaginação é essa nossa capacidade de perfazer uma série de atuações, associar objetos e eventos, poder manipulá-los, tudo mentalmente, sem precisar de sua presença física. (Ostrower, 1993)

Essa abordagem pode ser contextualizada à luz do que Ostrower (1993) descreve sobre a fantasia e a imaginação. As associações evocam um universo de imaginação, onde o possível e o improvável se entrelaçam. A capacidade de criar e manipular mentalmente essas associações permite a construção de um espaço simbólico que não se limita à realidade física. No trabalho de Milena, essa dinâmica é evidente, sua arte vai além da representação literal e se transforma em uma exploração das possibilidades emocionais e simbólicas. Ela reflete os arquétipos astrológicos, os reconfigura e os expande, oferecendo uma nova dimensão para a experiência estética e emocional.

4 - A JORNADA CRIATIVA E A FINALIZAÇÃO DA SÉRIE

Após o estudo teórico, concluiu-se que o nome e a forma dos signos do zodíaco permanecem inalterados desde a época de Alexandre Magno (Volli, 1990). Além disso, ao analisar a poética das referências estéticas, observou-se que a representação dos signos é trabalhada e produzida com base na bagagem cultural e na sociedade em que estão inseridos, oferecendo assim a liberdade de criar e produzir a partir de referências do cotidiano.

O desenvolvimento do projeto iniciou-se com a definição do tema, que passou por uma reformulação após a primeira banca avaliadora, com o intuito de orientar os caminhos a serem seguidos para alcançar o objetivo desejado. Com o tema estabelecido, a proposta consistiu na criação de doze placas de cerâmica arredondadas, cada uma representando um signo do zodíaco.

Essa escolha possibilitou a exploração detalhada das características de cada signo. A massa cerâmica selecionada para a produção das peças foi a Massa Marfim Chamotada⁶, resistente e adequada para a confecção de placas planas. A massa é produzida pela Pascoal Massas, empresa reconhecida pela qualidade de suas matérias-primas, utilizadas no cenário da cerâmica artística brasileira

A construção das peças foi planejada de forma individualizada, considerando as características únicas de cada signo. Ao longo do desenvolvimento de cada peça, buscou-se expressar a percepção pessoal sobre os signos, baseando-se tanto na vivência individual quanto no convívio com pessoas que compartilham dessas energias. Essa experiência subjetiva foi fundamental para dar forma a cada peça, pois os signos, além de representarem conceitos astrológicos, funcionam como reflexos de padrões comportamentais observados no cotidiano.

Quando me propus a criar essas obras, minha intenção era refletir essas percepções e sensações, transmitindo por meio das formas e texturas os traços que considero mais marcantes de cada signo. Assim, o processo criativo se tornou uma junção entre a bagagem cultural e pessoal que tenho sobre os signos e os elementos

⁶ Chamote é uma argila ou mistura de argilas que foram queimados à temperatura superior a 1400°C. O uso de chamote em uma massa reduz a plasticidade, a retração de secagem e queima, diminui a resistência mecânica na peça crua mas melhora de sua refratariedade.

mais tradicionais e simbólicos, as peças resultaram em composições únicas e sensíveis, que traduzem, de forma visual, a interpretação pessoal de cada signo. Inicialmente, o processo de criação e produção das peças cerâmicas foi iniciado na oficina de cerâmica do Curso de Artes Visuais da FAALC/UFMS, sob a orientação da professora Maria Alice. No entanto, devido à dificuldade de conciliar as visitas à oficina com a rotina de trabalho, tornou-se inviável manter esse ritmo. Após duas ou três idas à oficina, ficou claro que a melhor alternativa seria realizar as produções em residência, uma vez que essa seria a única opção viável para concluir o projeto.

Durante as visitas à oficina, foi possível criar uma peça referente ao signo de Áries. Contudo, devido à falta de técnica e ao resultado insatisfatório, essa peça não foi utilizada como parte da obra final. A decisão de não prosseguir com ela foi tomada em razão da técnica ainda não desenvolvida e da insatisfação com o resultado.

Figura 6 – Primeira peça de Áries, inacabada



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Diante das dificuldades enfrentadas, o ambiente de trabalho foi adaptado para continuar a produção das peças cerâmicas em casa. Foi adaptada uma mesa de madeira na sala da residência, que ofereceu uma superfície adequada e resistente para sovar e abrir as placas de argila. Devido à ausência de um rolo de madeira,

equipamento ideal para essa tarefa, recorri a um cano de alumínio, que funcionou como uma solução alternativa para a abertura das placas.

Figura 7 - Mesa de Produção



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Nesta etapa, iniciou-se com um esboço para orientar a confecção da peça. No entanto, constatou-se que essa abordagem não foi eficaz, especialmente considerando a dificuldade com referências desenhadas. Após perceber que o esboço não contribuiu para o resultado desejado, optou-se por mudar a estratégia. Em vez de depender exclusivamente de esboços, buscar imagens na internet e a consultar livros sobre signos do zodíaco foi necessário. Essas referências visuais foram mais úteis para elaborar os elementos da peça.

Figura 8 - Esboço signo Áries



Fonte: acervo pessoal, 2024

A primeira obra foi a do signo de Áries. Para iniciar a criação, começou-se com a abertura da placa de argila, que serviu como base para a estrutura da obra. A partir dessa etapa inicial, concentrou-se na definição dos elementos que iriam compor a peça, com o objetivo de representar as características do signo de Áries. Considerando que o signo é associado ao elemento fogo e caracteriza-se por sua energia vibrante e dinamismo, optou-se por incorporar a imagem do carneiro, que simboliza a força e a coragem desse signo, tendo-o como referência de pessoas do cotidiano.

A cabeça do carneiro e seus chifres foram escolhidos como elementos centrais da peça. Para capturar a essência do dinamismo e da energia associada a Áries, modelou-se o chifre em cones com o intuito de infundir uma sensação de movimento na peça. Foi utilizado formas e texturas que evocam a fluidez e a agitação do fogo, especialmente no lado direito da peça, onde o elemento fogo foi representado com detalhes que simulam chamas e calor.

Figura 9 - Detalhes chifre Áries



Fonte: acervo pessoal, 2024

Escolhi não fazer esboços prévios para essas peças, deixando o processo mais espontâneo e intuitivo. Para dar forma aos signos, me apoiei em referências visuais que trazem o espírito de cada um. O Grande Livro do Horóscopo foi uma das principais fontes, me ajudando com imagens e interpretações sobre as características de cada signo.

Além disso, explorei o banco de imagens do Google para buscar detalhes visuais específicos. Por exemplo, precisei de referências de carneiros para o signo de Áries e encontrei várias fotos que me ajudaram a entender melhor as formas e o porte do animal. Fiz o mesmo com outros elementos, como o fogo, representando o elemento de maneira que coubesse ao estilo, e assim fui construindo todas as camadas de cada obra.

O ponto de partida para a criação das peças foi a integração de elementos teóricos com as próprias interpretações sobre os signos do zodíaco. O embasamento teórico foi extraído das classificações dos signos apresentadas por Peter Marshall (2006), que serviu como referência central para a definição das características de cada signo. Marshall classifica os signos em grupos baseados nos elementos fogo, terra, ar e água.

A partir disso minha intenção foi reunir os elementos astrológicos mencionados por Marshall e combiná-los com a minha própria visão sobre cada signo. Durante o

processo de criação, considerei como esses elementos, como o animal símbolo de cada signo, suas associações com os elementos e outras características poderiam ser traduzidos visualmente em cada peça. Esse foi um processo intuitivo, no qual, signo por signo, fui selecionando e ajustando os elementos visuais até chegar à composição final que considerava ideal.

Modelar cada peça cerâmica é um processo que me absorve por completo, em que o tempo parece dissolver-se diante da atenção que cada detalhe exige. Com seus 20 cm de diâmetro, as doze peças demandam um trabalho minucioso e dedicado, onde cada forma é cuidadosamente esculpida e moldada. O ato de modelar é lento e intenso, mas profundamente recompensador.

A interrupção ao fim de cada dia traz, paradoxalmente, uma renovação do olhar. Esse distanciamento breve permite que eu retorne no dia seguinte com uma percepção revigorada, em um ciclo criativo que se reinventa a cada nova sessão. Há uma beleza única na cerâmica, na forma como a argila, ainda maleável, permite infinitas correções e adições antes de seu endurecimento. Esse processo de constante reavaliação e transformação possibilita a expressão de novas ideias, trazendo vida à obra em um fluxo contínuo e enriquecedor, onde cada peça se refina e amadurece junto a mim.

Figura 10 - Obra Áries em ponto de osso



Fonte: acervo pessoal, 2024

Após finalizar a modelagem da peça do signo de Áries, iniciou-se processo de

secagem, essencial para garantir que a umidade fosse eliminada de maneira uniforme, minimizando o risco de trincas e deformações. Para promover uma secagem homogênea, é ideal que a peça seja colocada em um ambiente controlado, sobre uma base de madeira ou gesso, pois esses materiais absorvem a umidade da base ao mesmo tempo em que permitem a evaporação gradual das extremidades.

No entanto, pela ausência de um suporte específico, tive que improvisar, posicionando as peças em azulejos cobertos com sacolas plásticas, com o objetivo de controlar a velocidade de evaporação da água. Esse método alternativo, embora necessário, trouxe algumas dificuldades na busca por uniformidade, o que destacou a importância de um suporte adequado para evitar tensões e rupturas na peça ao longo da secagem.

Os chifres, foram texturizados de forma realista, nessa peça quis trazer o realismo igual o animal, como o chifre tem seus detalhes a ideia foi utilizar a mesma textura do chifre e um esmalte que realçasse a textura e os detalhes da peça, com os chifres realistas e o fogo mais abstrato, estabelecem uma relação interessante entre o físico e o espiritual de Áries.

Figura 11 - Obra Áries no processo de secagem



Fonte: acervo pessoal, 2024

Em seguida, e após secas as peças, no chamado de ponto de couro, ocorre a primeira queima, conhecida como queima de biscoito/biscuit, em um forno elétrico do Laboratório Oficina de Cerâmica do Curso de Artes Visuais/Faalc, programado para atingir a temperatura cerca de 1000°C na primeira queima. A

primeira queima dura entre 6 a 8 horas e após desligado precisa ficar fechado durante pelo menos dois dias para as peças e o forno esfriarem completamente, formando um ciclo de queima e resfriamento de pelo menos 3 dias inteiros.

A primeira queima da cerâmica precisa ser lenta no seu início, para que não haja risco de as peças racharem ou empenarem, visto a grande quantidade de água existente na argila até atingir cerca de 200°C, elevando-se a temperatura de 800 a 900 °C. No final do cozimento, ocorre um encolhimento de cerca de 10% em seu tamanho e volume, ficando a peça porosa e não impermeável. Uma queima cuidadosa de biscoito dura cerca de oito horas e deve-se aguardar, pelo menos, outras oito horas para abrir totalmente a porta do forno, sob o risco de as peças racharem em decorrência do choque térmico.

Após a primeira queima, é chegada a etapa cobertura das superfícies das peças, hora da aplicação dos esmaltes ou vidrados.

A queima do esmalte ou vidrado deve ocorrer em uma temperatura mais alta do que a de biscoito. Diferente da primeira queima, o final da queima pode ocorrer mais lentamente para que o esmalte possa fundir completamente. É o momento em que a peça/o objeto obtém sua cor definitiva. Quando utilizado um esmalte/vidrado⁷ transparente haverá um realce na cor da argila. O vidrado impermeabiliza a peça em queimas acima de 1200°C, com esmaltes/vidrados adequados `essa temperatura chamada de queima de alta temperatura.

A esmaltação das peças requer uma preparação cuidadosa para garantir um acabamento uniforme e adequado. No caso da peça de Áries e para todas as outras, o processo começou com a preparação do esmalte em pó. Para facilitar e garantir camadas homogêneas do esmalte, foi utilizado o CMC⁸ (Carboxi-Metil-Celulose), um polímero aniônico, derivado da celulose muito solúvel em água tanto a frio quanto a

⁷ O esmalte é uma forma de vidro, a esmaltação é a aplicação de uma camada de vidro que deve apresentar certas qualidades como: ser insolúvel aos ácidos no uso, resistente a riscos e ser impermeável. Quimicamente é uma mistura de silicatos e boratos. O esmalte é resultado da interação de três componentes básicos: a sílica, formadora de vidros, os fundentes, cuja função é baixar a temperatura de fusão da sílica, além de modificar a textura e as cores dos esmaltes, e por fim, a alumina, que influencia a viscosidade e torna o esmalte mais refratário. VIDRADOS CERÂMICOS OU ESMALTES CERÂMICOS: **Teoria e prática de esmaltes**. Oficina Prof^a Maria Alice, 9 set. 2014. Disponível em: <https://oficinaprofmarialice.blogspot.com/2012/03/secagem-das-ceramicas.html>. Acesso em: 30 nov. 2024.

⁸ A preparação da solução de CMC, ocorre dissolvendo uma colher rasa de sopa em 2 litros de água, batidos em um liquidificador, para que fique bem dissolvida a goma de celulose. O esmalte em pó é misturado à solução de CMC até atingindo uma consistência próxima à um creme fluido. Essa mistura precisa estar homogênea, removendo grumos ou partículas maiores para não interferir na aplicação da peça.

quente, quando forma tanto soluções líquidas quanto em gel, é um espessante que ajuda na viscosidade da solução facilitando e melhorando a espessura mais uniforme na aplicação do esmalte à peça e possibilitando camadas mais homogêneas do esmalte tanto quando aplicado com pincel quanto por banho ou imersão.

A aplicação do vidrado nas peças foi efetuada utilizando um pincel tipo trincha, de pelos longos e macios, foi uma esmaltação a pincel.

Ao realizar a esmaltação da peça Áries decidi aplicar o esmalte com pincel, o que foi uma experiência que me exigiu muita paciência e precisão. O objetivo era destacar os detalhes que considerei mais significativos, como o carneiro, que representa o signo, e o fogo, símbolo do elemento associado. Para o restante da placa, optei por usar um esmalte transparente, buscando realçar a textura da cerâmica sem sobrecarregar o visual. Essa escolha trouxe equilíbrio à composição e preservou o acabamento natural da argila no restante da peça.

A segunda queima foi feita com a temperatura do forno a 1150°C para garantir o acabamento igual para todas as peças, essa temperatura foi mantida para todas as peças que foram queimadas juntas após finalizar a esmaltação.

Figura 12 - Obra Áries após esmaltação e queima.



Fonte: acervo pessoal, 2024

Uma decisão tomada durante o processo de criação foi a inclusão de um furo em cada uma das peças. Essa escolha foi pensada como parte de uma composição final, onde os 12 signos do zodíaco seriam apresentados juntos em uma disposição

circular. A intenção foi criar uma harmonia visual que representasse a unidade e a interconexão entre os signos, formando uma mandala. O formato circular simboliza o ciclo contínuo e eterno do zodíaco, reforçando a ideia de que todos os signos, apesar de suas diferenças, estão conectados entre si. Apesar da ideia ter surgido na produção, ela não foi executada na apresentação final das peças, mas ainda sim os furos foram mantidos. O suporte escolhido para sustenta-las uma placa de MDF acabou ficando pesado demais para transportar de um lugar para o outro. Sendo assim outra ideia foi escolhida para apresentar as obras, um suporte de MDF para expor os pratos de maneira individual.

A produção do signo de Touro. Embora eu tenha buscado uma abordagem tridimensional que remetesse diretamente ao símbolo do touro, não busquei atingir um padrão uniforme como em Áries. Em vez disso, procurei destacar o Touro, mesmo que o resultado não tivesse o mesmo nível de realismo da primeira. Essa escolha reforça minha intenção de representar cada signo com suas particularidades.

Figura 13 - detalhe signo de Touro



Fonte: acervo pessoal, 2024

Apesar de as estéticas da peça dos dois signos serem diferentes, o resultado obtido, em particular, demonstra força e, para mim, é o signo que mais representa a amizade e a lealdade nas relações. Os círculos ao redor da peça central fazem referência a essa proteção que o signo de Touro me transmite, simbolizando o cuidado que ele tem com todos ao seu redor. O cenário ao redor do touro é simplificado, com

um leve relevo que não compete com o destaque do animal, sugerindo uma paisagem serena, onde o signo está em seu estado natural de equilíbrio e força.

Figura 14 - Obra Touro em ponto de osso



Fonte: acervo pessoal, 2024

Todas as peças foram produzidas com o mesmo tamanho, o que exigiu um cuidado especial durante o processo de secagem. No entanto, ao trabalhar na peça no signo de Touro, acabei deixando-a secar muito rapidamente, o que resultou em trincas na lateral, o que gerou problemas na hora da queima.

Apesar das trincas surgidas devido à secagem acelerada, decidi prosseguir com a queima da peça do signo de Touro. Após a queima de biscoito. Foi possível observar que as fissuras não comprometeram a integridade geral da obra. O esmalte aplicado foi em tons terrosos no elemento central remetendo elemento terra e ao próprio animal. A segunda queima, evidenciou o ícone central sendo o representado pelo animal, o touro.

Figura 15 - Obra Touro após esmaltação e queima



Fonte: acervo pessoal, 2024

Ao iniciar a criação da peça do signo de Gêmeos, quis captar a essência dinâmica e dual deste signo, inspirando-me nas características marcantes de meu pai. Ele, sendo geminiano, sempre me impressionou pela capacidade de falar sobre diversos assuntos simultaneamente e de se envolver em múltiplas atividades ao mesmo tempo. Essa adaptabilidade e volatilidade influenciaram profundamente minha percepção do signo e serviram como ponto de partida para a obra.

Planejei representar a dualidade e a versatilidade dos geminianos utilizando o símbolo central de Gêmeos, tradicionalmente ilustrado por dois irmãos. Adicionei vários elementos ao redor da peça para refletir a facilidade com que pessoas desse signo transitam entre diferentes temas e situações, muitas vezes iniciando vários pensamentos sem necessariamente concluí-los. A intenção foi traduzir visualmente essa multiplicidade e o fluxo contínuo de ideias que observei em meu pai.

Figura 16 - Obra Gêmeos em ponto de couro



Fonte: Acervo pessoal, 2024

No entanto, durante o desenvolvimento da peça, percebi que a abundância de elementos estava tornando a composição excessivamente complexa. A sobrecarga de símbolos e detalhes acabou ofuscando a mensagem central, resultando em uma interpretação confusa. Compreendi que, embora minha intenção fosse transmitir a natureza multifacetada de Gêmeos, a peça não estava alcançando o resultado esperado, porém tive essa percepção apenas após a peça já ter sido queimada.

Essa experiência me ensinou que, na arte, é fundamental equilibrar a complexidade temática com a clareza visual para transmitir a mensagem de forma eficaz.

Figura 17 - Obra Gêmeos após esmaltação e queima



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Prosseguindo, a próxima criação foi Câncer. Este signo de água é simbolizado pelo caranguejo, objeto central da peça. Iniciou-se esboçando levemente o contorno do caranguejo diretamente na superfície. A intenção foi capturar a delicadeza e a complexidade emocional de Câncer através dos detalhes do animal.

Modelei o caranguejo em alto-relevo, dando atenção especial às pinças e à carapaça texturizada. As pinças foram trabalhadas para transmitir a ideia de proteção e defesa, enquanto a carapaça recebeu padrões que lembram ondas do mar, conectando o signo ao seu elemento, evitando que os detalhes ficassem excessivamente delicados e propensos a quebrar durante a secagem ou a queima.

Ao redor do caranguejo, linhas onduladas foram esculpidas que representam o movimento da água e alguns detalhes que remetesse ao mar. Cobri a peça com plástico e deixei secar lentamente, monitorando a umidade e prevenindo rachaduras.

Após a secagem completa, foi feita a primeira queima sem nenhuma intercorrência. Os esmaltes utilizados foram o laranja e o azul, que transmite a ideia da água e o laranja as cores do caranguejo.

Figura 18 - Obra Câncer em ponto de osso



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Já na peça do signo de Leão, um signo de fogo associado à exuberância e à liderança, o sol como elemento principal foi escolhido para representá-lo. A escolha se deu pela simbologia do sol como o centro de tudo, refletindo a característica marcante de Leão de querer estar em destaque e exercer influência, iniciei a

modelagem esboçando o sol em alto-relevo, focando em dar movimento ao sol como representação da sua juba.

Foi um dos maiores desafios, pois exigiu a criação de múltiplas camadas de argila para simular os movimentos. Utilizei goivas para esculpir os raios solares, garantindo que a textura fosse realista e transmitisse a energia do fogo. Para evitar problemas durante a secagem, tomei cuidado para que as partes mais espessas da argila não fossem excessivamente grossas, prevenindo rachaduras.

Figura 19 - Obra Leão em ponto de couro



Fonte: Acervo pessoal, 2024

As trincas na peça surgiram devido a um problema na fase de colagem dos elementos, especialmente na junção do sol à placa principal. Em vez de modelar o sol diretamente na superfície da placa, optei por produzi-lo separadamente e, posteriormente, realizar a união das partes. Para aderir o sol à placa, utilizei a técnica de ranhuras em ambas as superfícies a serem coladas, aplicando uma camada de barbotina, a argila mais líquida que atua como uma espécie de cola de argila, auxiliando na fusão das partes.

No entanto, devido à complexidade e ao nível de detalhamento da peça, algumas áreas ficaram mal coladas, criando pontos de fragilidade que resultaram em trincas durante a secagem. Esse desfecho destacou a importância de uma união cuidadosa e homogênea entre os elementos, especialmente em áreas menores, onde

detalhes finos exigem uma aplicação precisa de barbotina para assegurar a estabilidade e prevenir fissuras.

Após a secagem, a peça foi junto com as outras para a queima. Satisfeita com o resultado, apliquei esmaltes em tons dourados e alaranjados, simbolizando o brilho solar e a vitalidade de Leão. A esmaltação destacou os detalhes das chamas.

Figura 20 - Obra Leão após esmaltação e queima



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Para o signo de Virgem, conhecido por sua atenção aos detalhes e conexão com a terra, decidi representar uma figura feminina carregando um feixe de trigo, simbolizando fertilidade e colheita o feminino e o amor silencioso. Foi feita a silhueta feminina em baixo-relevo, focando na harmonia das proporções e na serenidade da expressão.

O trigo foi trabalhado com detalhes minuciosos, cada espiga esculpida individualmente para representar a atenção aos detalhes característica de Virgem. O maior desafio foi manter a delicadeza das espigas sem comprometer a resistência da peça. Para isso, assegurei que nenhuma parte ficasse excessivamente fina.

Figura 21 - Produção detalhes obra Virgem



Fonte: Acervo pessoal, 2024

O fundo da peça foi mantido liso, destacando a figura central. A secagem foi realizada de forma gradual, cobrindo a peça com plástico e deixando-a repousar durante esse período, verifiquei se as partes mais delicadas, como as espigas de trigo, permaneciam intactas.

Escolhi esmaltes em tons verdes suaves, representando a conexão de Virgem com a natureza e com o elemento terra.

Figura 22 - Obra Virgem em ponto de couro



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Figura 23 - Obra Virgem após esmaltação e queima



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Ao criar a peça de Libra, quis enfatizar o equilíbrio e a harmonia. Comecei abrindo a placa de argila e desenhando uma balança centralizada. Trabalhei em alto-relevo, esculpindo cada parte da balança com simetria precisa, refletindo não só a busca pelo equilíbrio, mas também a indecisão das pessoas libra nesta obra a figura central, uma mulher foi feita como representação da minha própria identidade, como libriana.

Figura 24 - Obra Libra em ponto de couro



Fonte: Acervo pessoal, 2024

O desafio principal foi manter a perfeita simetria entre os dois pratos da balança e garantir que as linhas fossem limpas e bem definidas. Usei régua e goivas para ajudar na precisão e nos detalhes da roupa.

A secagem foi conduzida com cuidado, e realizada a queima junto com as outras peças. Para a esmaltação, escolhi laranja para representar o sol e azul celeste, que transmitem suavidade e elegância para representar o ar, centralizado abaixo da figura central e também o esmalte escuro para representar a lua, esses elementos estão presentes na obra explicando a indecisão de libra. Apliquei os esmaltes com pinceladas em camadas homogêneas.

Figura 25 - Obra Libra após esmaltação e queima



Fonte: Acervo pessoal, 2024

No desenvolvimento de Escorpião, quis capturar a intensidade e o mistério associados a esse signo de água. Modelei um escorpião em relevo, destacando sua cauda curvada pronta para atacar, simbolizando a profundidade emocional e a força transformadora dos escorpianos, na minha visão o signo mais vingativo do zodíaco.

Utilizei texturas ásperas na superfície da argila para criar um contraste com áreas mais lisas, mas o real desafio foi esculpir as partes finas, como as pernas e o ferrão, garantindo que fossem robustas o suficiente para resistir ao processo de secagem e queima. Reforcei essas áreas adicionando pequenas quantidades de

argila nas junções. A textura da carapaça foi trabalhada com padrões geométricos, representando a complexidade interna do signo.

Figura 26 - Detalhes do Escorpião



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Essa peça foi a mais difícil de todas pelo fato da necessidade de deixar a cauda do escorpião suspensa, então na hora da secagem deixei com um suporte para que não quebrasse ou gerasse rachaduras.

Por isso a peça foi secada lentamente, coberta com plástico, por cerca de seis dias e a queima foi realizada com sucesso com as outras peças. Na esmaltação, optei por tons escuros, como vermelho profundo e preto, que evocam a intensidade de Escorpião.

Figura 27- Obra Escorpião em ponto de osso



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Na criação de Sagitário, signo de fogo associado à aventura e ao conhecimento, decidi representar o centauro arqueiro. Após abrir a placa de argila, esbocei o centauro em posição dinâmica, prestes a disparar sua flecha. Trabalhei em alto-relevo, dedicando atenção à anatomia humana e equina, buscando um equilíbrio harmonioso entre as duas partes.

O desafio foi capturar o movimento e a tensão do arco sendo puxado. Utilizei as goivas e pinceis para detalhar os músculos ao redor, adicionei estrelas e flechas em baixo-relevo, simbolizando a busca por novos horizontes, motivo também de eu achar o signo o mais livre de todos do zodíaco.

Figura 28 - Obra Sagitário em ponto de couro



Fonte: Acervo pessoal, 2024

A secagem não exigiu muitos cuidados. Cobri a peça com plástico e deixei secar por sete dias, garantindo que a umidade se dissipasse gradualmente. A queima do biscoito ocorreu sem incidentes. Para a esmaltação, escolhi cores vibrantes como roxo e azul-escuro, representando a espiritualidade e a profundidade das explorações sagitarianas. As linhas da peça foram trabalhadas para transmitir movimento e direção. Acrescentei detalhes como estrelas e flechas ao redor da borda da placa, reforçando a conexão com o cosmos e a busca contínua por novos horizontes.

Figura 29 - Obra Sagitário em ponto do osso



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Na obra Capricórnio, signo de terra conhecido por sua disciplina e ambição, busquei uma representação que capturasse a essência perseverante e a conexão com a terra deste signo. Diferentemente das peças anteriores, optei por uma abordagem mais bidimensional, e uma outra técnica que é a de escavar a argila.

Iniciei o processo abrindo a placa de argila no tamanho padrão, garantindo a uniformidade com as demais peças. Com a superfície preparada, comecei a esboçar diretamente na argila a silhueta de montanhas, simbolizando os desafios e as metas elevadas que os capricornianos constantemente buscam superar. Seguindo a linha das montanhas, desenhei o pescoço e a cabeça da cabra, que emergem harmoniosamente da paisagem, representando a integração do signo com seu caminho de ascensão. Tive um pouco de dificuldade na criação da ideia dessa peça para não ser confundida com áries.

A cabra foi desenhada de forma estilizada, com traços que acompanham as curvas das montanhas, enfatizando a determinação e a paciência características de Capricórnio. Utilizei ferramentas de ponta fina para incisar as linhas e criar texturas sutis, dando profundidade ao desenho sem recorrer ao relevo. O desafio foi escavar e manter uma espessura boa.

Figura 30 - Obra Capricórnio em ponto de osso



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Com a peça seca, procedi à primeira queima. Veio a surpresa, pelo fato de a peça ter ficado com a espessura muito fina em algumas regiões ocorreram trincas e rachaduras por toda a peça. Na esmaltação, escolhi tons terrosos que refletem a conexão de Capricórnio com a terra e as montanhas. Apliquei os esmaltes de maneira que realçasse as linhas incisadas, utilizando técnicas que destacam os contornos e adicionam profundidade visual ao desenho.

Figura 31 - Obra Capricórnio após esmaltação e queima



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Figura 32 -Obra Aquário em ponto de couro



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Para Aquário, signo de ar capturei o fluxo da água na argila, criando ondas e curvas que transmitem movimento. Usei ferramentas de modelagem para esculpir detalhes nas roupas do aguadeiro. Uma particularidade dessa peça foi o uso de cor

diretamente na argila. Misturei pó azul com a argila marfim, criando uma tonalidade azulada que utilizei estrategicamente para compor a água e o símbolo do signo. Essa técnica trouxe um efeito visual único, mas também apresentou desafios, após a primeira queima, algumas áreas ficaram com manchas borradas de azul, algo inesperado. Apesar disso, esse acaso contribuiu para uma aparência orgânica, dialogando com o conceito fluido e imprevisível da água e enriquecendo o resultado final. A peça foi secada lentamente e durante a secagem essa peça ficou um pouco empenada pois não secou de maneira uniforme. Para a esmaltação, escolhi tons metálicos e azuis elétricos, representando a modernidade e a ligação com o elemento ar.

Figura 33 - Obra Aquário em biscoito



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Por fim, trabalhei na peça de Peixes, signo de água associado à sensibilidade e intuição. Decidi representar dois peixes nadando em direções opostas, formando um círculo que simboliza o ciclo infinito e a dualidade.

Modelei os peixes em alto-relevo, com detalhes nas escamas e barbatanas. Ao redor, adicionei elementos como bolhas e algas em baixo-relevo, reforçando o ambiente aquático.

A secagem foi conduzida com cuidado, cobrindo a peça com plástico e deixando-a secar por seis dias. Na esmaltação, utilizei o azul e o laranja, que evocam a profundidade do mar e a espiritualidade de Peixes.

Figura 34 - Obra Peixes em ponto de osso



Fonte: Acervo pessoal, 2024

Cada uma dessas peças passou pelo mesmo cuidado no processo de secagem e queima. Aprendi com a experiência inicial e tomei medidas para evitar rachaduras e deformações. As peças foram cobertas com plástico e deixadas para secar em um ambiente pouco adequado. A queima foi realizada em um forno elétrico, seguindo as orientações técnicas para a argila utilizada, o que resultou em peças resistentes e prontas para a aplicação dos esmaltes.

Na etapa de esmaltação, selecionei cores e acabamentos que reforçassem as características de cada signo. A finalização das peças envolveu uma segunda queima para fixação dos esmaltes. O resultado foi uma série de doze placas cerâmicas que, juntas, formam uma composição, mas que individualmente destacam as particularidades de cada signo. A disposição circular das peças, conforme planejado, reforça a ideia de ciclo e continuidade do zodíaco, além de criar um impacto visual significativo.

Concluir este projeto foi um processo enriquecedor que combinou pesquisa teórica, reflexão pessoal e prática artística. Cada peça é um reflexo da minha interpretação dos signos, mesclando simbologia tradicional com minhas próprias experiências e percepções. A jornada criativa não apenas resultou em uma obra física, mas também aprofundou minha compreensão sobre a conexão entre arte, cultura e astrologia.

Ao mergulhar nesse universo, materializei os signos do zodíaco, e também me aprofundei em uma prática que exige paciência, técnica e entrega. O contato com a argila me ensinou que criar é um processo de diálogo entre o que planejamos e o que a matéria nos permite realizar. Foi nesse espaço de colaboração que minhas peças tomaram forma, revelando uma identidade única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi muito mais do que uma conclusão acadêmica, foi uma jornada de transformação pessoal. A cerâmica me ensinou, antes de qualquer coisa, a escutar. Escutar o ritmo do tempo, o que a argila pede, e até a paciência necessária para entender que nem sempre o resultado está no controle das mãos.

Foram três anos repletos de desafios, trocas de orientadores, uma pandemia que trouxe pausas e recomeços, mudanças de tema, e a falta de tempo que insistia em atrasar o progresso. Mas cada uma dessas dificuldades me modelou, da mesma forma que eu modelei cada peça. A argila, muitas vezes, parece indomável, mas é nesse diálogo com a matéria que aprendemos a flexibilidade, tanto da arte quanto de nós mesmos.

A escolha da cerâmica como meio expressivo ampliou minhas perspectivas sobre arte. É um processo que não se limita a transformar a matéria, ele transforma o artista. A cada etapa uma parte de mim foi depositada ali. O resultado não é apenas técnico, é emocional e simbólico.

Apesar de todas as dificuldades, ou talvez por causa delas, percebo a profundidade desse percurso. Este trabalho não apenas resultou em doze peças, mas também em um entendimento mais claro de quem sou como criadora e como pessoa. Cada signo carrega o peso do tempo, das tentativas, e das conquistas que o processo me proporcionou.

Sinto-me grata por tudo. A cerâmica me mostrou que é possível construir algo, mesmo com limitações e imprevistos. E é esse aprendizado que eu levo, não apenas como uma realização acadêmica, mas como uma inspiração para o futuro seja na continuidade dessa prática ou na forma como enfrentarei novos desafios criativos e pessoais.

Após a realização deste estudo que pude concluir que a arte, é um reflexo do que somos, e a cerâmica, para mim, é mais do que uma técnica ou uma linguagem visual. É um espaço de autoconhecimento e expressão que me conectou a algo maior. Hoje, percebo que estou me transformando em uma artista, mas já me considero uma desde sempre, porque a arte nunca foi apenas sobre o que eu produzo, mas sobre o que sinto e como vejo o mundo.

O processo de criação artística deste trabalho me fez tornar real um projeto que havia, após muito estudo e pesquisas pude concluir e perceber que apesar dos resultados obtidos o artista sempre busca melhorar, é um processo constante. Traduzir em palavras ou mesmo em projetos não é fácil, mas é exatamente esse desafio que me fez permitir evoluir e compreender técnicas e adquirir mais conhecimento referente ao tema abordado. enxergo a beleza nos detalhes, nas formas e nas texturas que a argila oferece, e isso me encanta. A possibilidade de eternizar sentimentos e significados em uma peça cerâmica é algo que me deixa profundamente grata.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTE Marajoara. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5353/arte-marajoara>. Acesso em: 12 de setembro de 2024. Verbetes da Enciclopédia.

ARROYO, Stephen. **Astrologia, psicologia e os quatro elementos: uma abordagem astrológica ao nível da energia e seu uso nas artes de aconselhar e orientar**. Tradução de Maio Miranda. – 2. ed. – São Paulo: Pensamento, 2013.

CARUSO, Catherine. **Quais são as origens antigas dos signos do zodíaco**. National Geographic Brasil, 12 ago. 2024. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2024/08/quais-sao-as-origens-antigas-dos-signos-do-zodiaco>. Acesso em: 30 nov. 2024.

CASTRO, Ana Cristina Vidal. **A jornada astrológica e a mídia: a presença da astrologia na mídia**. CÁSPER LIBERO – 2012. Disponível em: <https://astrobyte.com.br/pesquisas.pdf>. Acesso em 02 de junho de 2024.

CHAAN, Denise Pahl. **A representação humana na arte marajoara**. Texto escrito para a exposição Marajó: Retratos no Barro, Museu de Arte de Belém, 1999.

COLI, Jorge. **O Que É Arte?** Brasília: Brasiliense, 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5538981/mod_resource/content/1/COLI%2C%20Jorge.%20O%20Que%20%C3%A9%20Arte%281%29.pdf. Acesso em 04 de junho de 2024.

COSENTINO, Peter. **Enciclopedia de técnicas de cerâmica: guía de las técnicas de cerámica y su utilización paso a paso**. 4. ed. Barcelona: Acanto, 1999. 190 p.: il. ISBN 84-86673-23-2.

COOPER, Emmanuel. **Historia de la cerámica**. Barcelona: Ediciones Ceac, 2004. 224 p.: il.). ISBN 84-329-8566-X.

GIARDULLO, Caio; GIARDULLO, Paschoal; SANTOS, Urames. **O nosso livro de cerâmica: introdução à técnica para cerâmica artística**. S.l.: s.n., 2005.

MARSHALL, Peter H. **A astrologia no mundo: uma visão histórica para entender melhor a personalidade humana**. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

MORIN, Edgar. **O retorno dos astrólogos**. Lisboa: Moraes, 1972. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/17472/1/LBenedito.pdf>. Acesso em 18 de junho de 2024.

MUSEU NACIONAL/UFRJ. **Cerâmica Marajoara**. Disponível em: <https://museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/argbra008.html>. Acesso em: 23 ago. 2024.

OLIVEIRA, Raphael S. **Guia Argilas Massas Cerâmica**. Vinhedo: Sou Cerâmica, 2022. Disponível em: <https://souceramica.com>. Acesso em: 15 de julho de 2024.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Editora Vozes. RJ. 187p. 1977.

SANTIN, Bárbara Helenni Gebara. **Percepção Geográfica Do Espaço E Os Quatro Elementos Astrológicos**: Reflexão Sobre Uma Interface Entre Fenomenologia E Astrologia – UERJ – 2015.

STUCKRAD, Kocku von. **História da astrologia**: Da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Globo, 2007. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads.pdf>. Acesso em 06 de junho de 2024.

VIDA FEITA À MÃO. **Lista de fornos do Brasil**. Disponível em: <https://escola.vidafeitaamao.com.br/lista-de-fornos-do-brasil/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

VIDRADOS CERÂMICOS OU ESMALTES CERÂMICOS: **Teoria e prática de esmaltes**. Oficina Prof^a Maria Alice, 9 set. 2014. Disponível em: <https://oficinaprofmarialice.blogspot.com/2012/03/secagem-das-ceramicas.html>. Acesso em: 30 nov. 2024.

VOLLI, Ligo. **A Linguagem da Astrologia**. Tradução de C. Editorial Presença. 1.8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 1998.